



“Um muro intransponível? ”: o trauma e a memória em *O Diário da Queda*

"An impassable wall? ": The trauma and the memory in The Diary of the Fall

Jehnifer Penning¹, Helano Jader Cavalcante Ribeiro²

*Quem não estava presente, quem nada falou
Como poderão apanhá-lo?
Bertold Brecht*

RESUMO: O plano deste artigo é discutir o trauma presente na obra *O Diário da Queda*, livro de Michel Laub publicado em 2011. A partir da teoria de LaCapra, o qual defende a ideia de que o trauma provoca um *lapsus* que impede as vítimas de seguirem suas vidas, interrompe a continuidade com o passado e põe, assim, em questão a própria identidade, iremos discutir nosso objeto de estudo. Dialogaremos, também, com estudos de Agamben que tratam do testemunho, defendendo a ideia de que justificar a própria existência não é fácil e, menos ainda, quando falamos de um campo de concentração. Isso posto, elencamos outro ponto a ser discutido nesta pesquisa: a memória. Será que, como diz LaCapra, já falamos demais sobre o nazismo? Será que temos a necessidade de, ainda hoje, rememorar Auschwitz? Adiantemos que não; jamais será demasiado o que se falou sobre o assunto. É sempre importante lembrar, porque, como propõe Benjamin, é com a rememoração que conseguimos uma chave para o que veio antes e depois.

Palavras-chave: Segunda Guerra; memória; trauma.

ABSTRACT: *The Diário da Queda*, book by Michel Laub published in 2011. From the memory of LaCapra, which defends the idea that the trauma causes a lapsus that prevents as victims of following its Once it is an issue, the subject is a Subject of study. We will also discuss Agamben's studies dealing with testimony, defending an idea that justifying one's own existence is not easy, and even less so, when we speak of a concentration camp. This is a problem. Could it be that, as LaCapra says, we've talked too much about Nazism? Do you still need to remember Auschwitz today? Let's face it; It is never too much said about it. It is always important to remember, because, as Benjamin proposes, with a remembrance that got a new version for what came before and after.

Keywords: *Second War; Memory, trauma.*

1. Diário da Queda: memória, trauma e história

O presente artigo pretende discutir a presença do trauma e da memória na obra de Michel Laub, intitulada *O Diário da Queda*. O livro, publicado em 2011, narra a história de três gerações: o avô, o pai e o filho/neto e o enredo baseia-se no fato de que uma existência acaba por influenciar a outra, sobretudo aquela que passou pelo trauma de um campo de concentração. O trauma, quando reprimido, não desaparece, defende LaCapra (2009), mas, sim, volta transformado, disfarçado ou desfigurado. Nesse sentido, questionamos: é, na obra em análise, o trauma *um muro intransponível*? Quais as consequências que esse impacto possui no presente? Buscaremos responder perguntas como essa ao longo dessa breve pesquisa sobre o assunto. Tencionamos, ainda, dissertar a respeito da memória no sentido de refletir sobre a necessidade, ou não, de rememorar. Assim sendo, dividiremos esse trabalho em três seções: a primeira falará da memória e a segunda sobre trauma, a última trará considerações finais a respeito do proposto nas seções anteriores. Para embasar nossos estudos recorreremos às teorias de Freud apud Favero (2009) e Mendonça (2006), de Seligmann-Silva (2000), Benjamin (2012) e dos já citados LaCapra (2009) e Agamben (2008).

2. A memória: *un pasado que no se ha cerrado*¹

¹ LACAPRA; 2009, p. 21.

Lacabra (2009) formulou tal pergunta: “¿Qué aspectos del pasado deben recordarse y como hácerlo? ²” Por que é importante rememorar alguns acontecimentos do passado? Defende o teórico que “la memoria – junto a sus *lapsus* y trucos – plantea interrogantes a la historia pues apunta a problemas que siguen vigentes o que están investidos de valores o de emociones”³. (LACAPRA, 2009, p. 21) Assim sendo, rememorar é olhar para questões que carregam um peso emocional e moral. Logo se faz importante revisitar o passado, a fim de compreender os problemas que seguem atuais.

Falar de memória não é uma tarefa fácil para quem passou por um evento traumático; acima de tudo, se tal acontecimento refere-se a Auschwitz. Entretanto, o que se nega ou se reprime no *lapsus* da memória não desaparece, mas volta, às vezes, disfarçado, desfigurado ou transformado. (LACAPRA, 2009) Sem refletir sobre a memória não é possível superar o trauma, e é isso que acontece com a personagem do avô em *Diário da Queda*. Diz o narrador: “meu avô não gostava de falar do passado. O que não é de estranhar, ao menos em relação ao que interessa:

o fato de ele ser judeu, de ter chegado ao Brasil num daqueles navios apinhados”. (LAUB; 2011, p. 8)

Como dito na passagem acima, na narrativa, ele, que sobreviveu a Auschwitz, não mencionava seu passado.

Nos cadernos de meu avô não há qualquer menção a essa viagem. (...) Não sei quantos dias durou a travessia, se ventou ou não, se houve uma tempestade de madrugada e se para ele fazia diferença que o navio fosse a pique e ele terminasse de maneira tão irônica, num turbilhão escuro de gelo e sem chance de figurar em nenhuma lembrança além de uma estatística – **um dado que resumiria sua biografia**, engolindo qualquer referência ao lugar onde foi criado e à escola onde estudou e a todos esses detalhes acontecidos no intervalo entre o nascimento e a idade em que teve um número tatuado no braço. [grifo meu] (LAUB; 2009, p. 8-9)

² Tradução livre: “Que aspectos do passado devem ser recordados e como fazê-lo?”.

³ Tradução livre: “A memória – junto a seus *lapsus* e truques – levanta questões à história pois aponta para problemas que seguem atuais ou que estão dotados de valores ou de emoções”.

Um dado que resumiria sua biografia. Podemos interpretar essa passagem pensando da seguinte forma: o fato de que a personagem fora um prisioneiro dos campos de concentração tornou-se o único dado que contasse sobre sua vida, delimitando, assim, as possibilidades de ser mais do que isso. De acordo com Lacapra, principalmente para as vítimas, “el trauma produce un *lapsus* o ruptura en la memoria que interrumpe la continuidad con el pasado, poniendo de este modo **en cuestión la identidad al punto de llegar a sacudirla**”. [grifo meu] (LACAPRA, 2009, p. 22) Em outras palavras, é a partir da ruptura com o passado que o trauma põe em questão a própria identidade. “A vivência no campo de concentração assume um espaço e um peso de uma dimensão tal que tendencialmente apaga tudo o que ocorreu antes e, retrospectivamente, tudo o que veio a ocorrer depois”. (SELIGMANN-SILVA; 2000, P. 93)

Para o avô, Auschwitz era a realidade e, embora a guerra tivesse acabado e ele estivesse a muitos mil quilômetros de distância do lugar em que aconteceram as experiências traumáticas, a vida para ele se resumia àquilo; não havia antes de Auschwitz e depois de Auschwitz, sua vida era Auschwitz. Desse modo, para o avô, o trauma transformou-se em um muro intransponível e evidenciou a incapacidade de ultrapassar a barreira que impôs o acontecimento traumático. “E resta apenas um

tipo de lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve”. (p. 8)

Citando Agamben (2008), sabemos que “justificar a própria sobrevivência não é fácil, menos ainda no campo. Além disso, alguns sobreviventes preferem ficar em silêncio.” (AGAMBEN; 2008, p. 26) Se o mundo real significava para ele o trauma, o mundo idealizado pela personagem *tornou-se* o real. Sem mencionar o passado, sem aludir ao futuro, sua vida era o agora e seus desejos para esse *agora* eram extremamente sistematizados⁴.

Eu também não gostaria de falar desse tema. Se há uma coisa que o mundo não precisa é ouvir minhas considerações a respeito. O cinema já se encarregou disso. Os livros já se encarregaram disso. As testemunhas já narraram isso detalhe por detalhe. (...) **então nem um por um segundo me**

⁴ O avô passa a escrever cadernos, uma espécie de diário, em que, categoricamente, fala de sua vida e suas relações com os acontecimentos e coisas a sua volta.

ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim. [grifo meu] (LAUB; 2011, p. 9)

O narrador explicita que jamais se atreveria a falar no peso que foi Auschwitz, salvo quando esse assunto diz respeito ao seu avô e, assim, a seu pai, e, por conseguinte, a si mesmo. Dessa forma, fica evidente aqui a necessidade de rememorar para resolver o trauma; se ainda é necessário evocar a memória é porque ainda não se superou o que ela recorda. Conforme nos disse Walter Benjamin, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento rememorado é sem limites, pois é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. (BENJAMIN; 2012, p.38-9) Em outras palavras, podemos dizer que é a partir da memória que podemos refletir acerca do passado e, também, por que não, do futuro.

O narrador da história, neto do sobrevivente, vê a necessidade de rebuscar o passado após um inesquecível acontecimento de sua adolescência: *a queda*. Em uma cerimônia do Bar Mitzvah⁵, ele e seus colegas de classe, todos judeus, acabam unindo-se para fazer uma *brincadeira* com o menino que promovia a festa, o menino que estava completando seu 13º aniversário. João, como se chamava tal personagem, não era judeu, mas seu pai tinha admiração por aquela escola judaica e o matriculou na instituição; entretanto, por ser um góí⁶, o rapaz virou motivo de humilhações. Naquele aniversário, a *brincadeira* poderia ter sido fatal. Como de costume nessas celebrações, o aniversariante era jogado treze vezes para cima, como forma de comemoração.

João, porém, na décima terceira vez em que foi jogado para cima, na volta, encontrou o chão, porque seus colegas não ampararam a sua queda. “a rede abriu na décima terceira queda e o aniversariante caiu de costas no chão”. (LAUB; 2011, p. 10) Tal ocorrência imortalizou-se nos pensamentos do narrador; o colega de turma poderia ter morrido; mas não morreu, “machucou uma vértebra, teve de ficar de cama dois meses, usar colete ortopédico por mais alguns meses e fazer fisioterapia durante todo esse tempo”. (Idem, p. 11)

A culpa fez com que o narrador repensasse o que estava acontecendo. E para ele, aquela culpa era tão grande que ele poderia ser perguntado sobre o que lhe

⁵ Na religião judaica significa o menino que, no seu 13º aniversário, atinge a maioridade religiosa, passando a ter a obrigação de cumprir os preceitos religiosos. ⁶ Não-judeu.

afetava mais: saber que o avô tinha passado por um campo de concentração ou ter participado da *queda* do menino não-judeu e ele não hesitaria em responder; “e por afetar quero dizer intensamente, como algo palpável e presente, uma lembrança que não precisa ser evocada para aparecer”. (Idem, p. 13) A partir dessa passagem, quase que obviamente, podemos concluir que, naquele momento, a resposta era referente ao menino góí. O próprio narrador nos dá a explicação para tanto: aquele era um momento presente, presenciado por ele; já o avô ter sido prisioneiro de Auschwitz era uma memória, para ele, distante, que não afetava em *nada* a sua vida. Observemos para o que foi dito: *naquele momento*. Como temos em Amaral (2004),

Assim, a realidade de uma comunidade judaica capaz de oprimir alguém que não pertence à sua raça, para ele, é muito mais presente do que o passado de opressão em que viveram seus antepassados, sobretudo os campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, os contínuos atos de humilhação que o narrador e seus amigos faziam o rapaz não judeu passar jogavam os discursos antissemitas do pai e a história de sua família em um plano de importância secundário, que não estava em comum acordo com a sua realidade imediata. O narrador, então, no papel do opressor no colégio, acha-se integrante e uma realidade oposta à de sua família, em uma conturbada constatação da dificuldade de as gerações modernas se integrarem à herança histórica de seus antepassados. (AMARAL; 2004, p. 82)

Podemos dizer que, para o narrador, a história estava invertida: ele e seus colegas judeus estavam cometendo injustiças para com o amigo não-judeu; outrora, fora diferente, seu avô e outros judeus estavam sendo aniquilados pelos nazistas. A história se repete, mesmo que inversamente. O narrador ficou amigo de João, em uma tentativa de buscar a redenção.

Depois que fiquei amigo de João também comecei a olhar para os meus amigos sem entender por que eles tinham feito aquilo, e como eles tinham me cooptado, e comecei a ter vergonha de ter gritado *góí filho da puta*, e isso se misturava com o desconforto cada vez maior diante do meu pai, uma rejeição à performance dele ao falar sobre antissemitismo, porque eu não tinha nada em comum com aquelas pessoas além do fato de ter nascido judeu, e nada sabia daquelas pessoas além do fato de elas serem judas, e por mais que tanta gente tivesse morrido em campos de concentração não fazia sentido que eu precisasse lembrar disso todos os dias. (LAUB; 2011, p. 37)

Presenciamos, assim, no romance, o conflito da memória. Por que devemos lembrar? O narrador, inserido em um contexto bastante diferente dos seus antepassados que foram massacrados na Segunda Guerra, respeita o passado, mas não vê o porquê de rememora-lo. Para ele, o presente é o que importa. Entretanto, é

imprescindível que, para que possamos compreender o presente, atentemos para o passado.

Dominick Lacapra (2009) levanta uma questão bastante pertinente a respeito da memória do Holocausto: “Tal vez nos hayamos acostumbrado demasiado a los relatos de los horrores de los nazis”⁶. (LACAPRA; 2009, p. 46) Pode ser que já não fiquemos demasiadamente chocados com um passado tão escuro que demarcou a história ocidental do século XX. Por isso mesmo, é muito fácil que os fatos caiam no esquecimento. E, por conseguinte, aconteçam de novo. Perante a isso, temos no romance a constatação do avô, o qual diz que a vida é *inviável em todos os tempos e lugares*. Com a ruptura produzida pelo trauma, a personagem do avô não pode rememorar o que aconteceu, e, por conseguinte, não desprende-se do trauma⁷ e, tudo em que pensava, levava-o, ainda que inconscientemente, para a dura realidade de Auschwitz, e, assim, inevitavelmente, transferiu para seus descendentes esse mesmo peso. Nas palavras de Seligamann-Silva, “a literalidade árida da experiência do *Lager*⁸ é, eu repito, resultado da experiência da morte”. (SELIGAMANN-SILVA; 2000, p. 94)

3. O trauma: *lapsus* o ruptura⁹

Como suscita Lacapra (2009),

mencionaría para comenzar dos conjuntos urgentes de razones para el giro a la memoria y su relación con la historia. Primero, está la importancia del trauma, incluyendo sobre todo la demora en el reconocimiento de la significación de la serie traumática de acontecimientos de la historia reciente, acontecimientos que preferiríamos olvidar.¹⁰ (LACAPRA; 2009, p. 21)

Depreendemos da passagem a imediata tarefa de cultivar a memória. Sobretudo, para poder superar esse trauma, que enquanto humanidade, diz respeito

⁶ Tradução livre: “Talvez tenhamos-nos acostumado muito com os relatos de terror dos nazistas”.

⁷ “O trauma continua provocando efeitos no psiquismo como se ainda estivesse presente, ponto muito importante e que caracteriza a primeira teoria do trauma – o trauma como afeto estrangulado”. (FAVERO; 2009, p. 20)

⁸ Em alemão, *Lager* significa campo de concentração.

⁹ LACAPRA; 2009, p. 21.

¹⁰ Tradução livre: “Mencionaria para começar dois conjuntos urgentes de razões para o giro à memória e sua relação com a história. Primeiro, está a importância do trauma, incluindo sobretudo a demora para o reconhecimento da série traumática de acontecimentos da história recente, acontecimentos que gostaríamos de esquecer”.

a todo ocidente. Devemos reconhecer a *Shoah*¹¹ como uma série traumática, diz Lacapra. Conforme Seligmann-Silva não há mais nada cruel, na história, do que o massacre que se deu nos campos de concentração. Nas palavras do teórico,

A *Shoah* é o superlativo por excelência da história. Enquanto morte de milhões de pessoas realizada sob uma organização industrial a *Shoah* abala a visão relativista da história tanto por causa da sua unicidade como também devido à impossibilidade de se reduzir esse evento ao meramente discursivo. (SELIGMANN-SILVA; 2000, p. 77)

Não há como reduzir o que foi a *Shoah* e por isso mesmo não há como não reconhecer o trauma que ela deixou. Como já mencionado em outro momento neste artigo, o trauma que é negado não desaparece; ele volta disfarçado, transformado ou desfigurado. (LACAPRA; 2009) De acordo com as considerações de Freud, o trauma é toda impressão que o sistema nervoso não consegue abolir. Freud (1940-1941 [1892]) apud Favero (2009), diz que “transforma-se em trauma psíquico toda a impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora”. (p. 19)

Na personagem do avô, em *Diário da Queda*, a manifestação do trauma aparece singelamente, podemos dizer que quase imperceptivelmente. O narrador, que não o conheceu, fala o que sabe sobre o avô com base no que ouviu de seu pai e de sua avó. Entretanto, a avó raramente falava nele, diz o locutor; ela fazia constatações óbvias, “mas em nenhum momento daqueles anos ela contou o essencial sobre ele”. (p. 14) Claramente, esse *essencial* refere-se ao acontecimento fatídico de sua vida.

O narrador conhece seu avô a partir dos dezesseis cadernos escritos por ele. Sabe-se que esse senhor passou os últimos anos de sua vida escrevendo nesses diários. Quando os encontraram, a expectativa é que estivessem, ali, inscritas coisas pessoais sobre seu passado, sobre a árdua realidade de ser um judeu que vivia na Alemanha de Hitler. Porém, nesses cadernos não havia uma sequer menção ao que passou; nada.

As primeiras anotações nos cadernos do meu avô são sobre o dia em que ele desembarcou no Brasil. (...) Aparentemente meu avô queria escrever uma espécie de enciclopédia, um amontoado de verbetes sem relação clara entre si, termos seguidos por textos curtos ou longos, sempre com uma *característica peculiar*. [grifo meu] (LAUB; 2011, p. 24)

¹¹ *Shoah* é uma palavra bíblica que significa calamidade e tornou-se o termo hebraico padrão, já em 1940, para referências ao Holocausto.

Lendo os cadernos, não há como saber algo a respeito do passado do avô; mas, se houver atenção na leitura, há como descobrir *marcas* que demarcam toda a escrita, que eram nada menos do que verbetes de *como o avô gostaria que a vida fosse*. Aqui, a transcrição de um desses verbetes:

Canil – local de corredores longos e iluminados gerido por profissionais de mais alto gabarito humano e social onde são aplicados procedimentos os mais rigorosos de higiene e humanismo em relação aos animais. O homem que frequenta o canil obtém todas as informações que ele deseja sobre a condição de saúde dos animais tais como a situação legal deles e os procedimentos necessários no processo de adoção e ele pode aproveitar o pequeno pátio com grama e um banco de madeira onde impera o silêncio sem latidos ou outros sons desagradáveis para sentar e refletir sozinho. (LAUB; 2011, p. 79)

Os escritos assim o eram; faziam breves descrições a respeito do cotidiano, mas de modo bastante objetivo e um tanto superficial. Um aspecto merece atenção: as palavras *humano, humanidade* aparecem quase por unanimidade, assim como as palavras *procedimentos os mais rigorosos de higiene*. Os cadernos do avô representavam alguém sistematizado, fixo em demonstrar como o mundo *deveria* ser, entretanto não o era. Essa fuga do passado e desejo de ordenar seus pensamentos faziam com o que trauma continuasse presente, latente, posto que Freud (1940-1941 [1892]) apud FAVERO (2009) adverte que para superar o trauma é necessário que haja ab-reação, ou seja, que haja “descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que não se torne ou não continue sendo patogênico”. (LAPLANCHE & PONTALIS; 1991, p. 1 apud FAVERO; 2009, p. 19).

O avô, que passou por Auschwitz, teve sua vida extremamente bagunçada, fora retirado de sua rotina e posto em um campo para trabalho forçado, passando pelos mais terríveis atos dos soldados nazistas. A angústia, a imprevisibilidade, o desespero com certeza se faziam presentes em todos os dias dos prisioneiros. Agora, em sua visão de mundo ideal, tudo deveria estar em seu local, nada de acontecimentos imprevistos ou de algo que fugisse ao controle. Vemos esses aspectos no seguinte verbete:

Esposa – pessoa que se encarrega das prendas domésticas, cuidando para que sejam empregados procedimentos os mais rigorosos de higiene na casa e também para que no dia do marido não existam perturbações quando ele deseja ficar sozinho. (LAUB; 2011, p. 31)

Fica evidente a *mania* que possui o avô em desejar que tudo aconteça como planejado, que não haja imprevistos e que existam *procedimentos os mais rigorosos de higiene*. Quando a vida real é árdua demais, nada mais confortante do que poder imaginar uma vida de modo como ela *deveria* ser. Obviamente, os campos de concentração representavam um local imundo, sujo, tanto em aspectos físicos e morais. Então, podemos ver o desejo de enxergar a higiene em todas as suas projeções para o mundo, assim, afastava-se também do passado. Um passado *sujo*. Entretanto, esse modo maníaco do avô não o distanciava do trauma; ele demarcava a presença do trauma em cada ocorrência, através da repetição. Segundo Mendonça, “este caráter repetitivo que a experiência de satisfação imprime ao funcionamento do aparelho psíquico coloca o sujeito em uma busca infundável pelo objeto que ele crê ter alcançado, mas que está, desde sempre e para sempre perdido”. (MENDONÇA; 2006, p. 21)

Outrossim, para o desejo obsessivo por higiene, possivelmente, era o mito de que os judeus contaminavam e, por tanto, era necessário que fossem isolados; o avô está novamente fugindo do que o aterroriza. De acordo com Lacapra (2009) havia uma ideia de que fabricaram sabão com os judeus porque eles contaminavam, com o intuito de fazer um remédio homeopático¹². Nas palavras do teórico,

La idea dominante entre las víctimas y otras personas de que los nazis fabricaron jabón con los judíos es empíricamente falsa, pero tiene un valor simbólico em términos de tendencia verdaderamente real de los nazis a reducir los judíos a objetos y em términos de su inversión de la angustia ritual e higiénica nazi respecto de que los judíos contaminaban. (Aquí el remedio homeopático – el “veneno” que em una dosis apropiada se convierte en la cura del supuesto contaminador que se convierte em fuerza purificadora – se distorsiona en una amarga ironía)¹³. (LACAPRA; 2009, p. 33-4)

O trauma não curado volta, e afeta aquele que vivenciou a experiência que o ocasionou e também aqueles que o rodeiam. O trauma para o avô foi ter feito parte

¹² É um método terapêutico que consiste em prescrever a um doente, sob uma forma diluída e em pequeníssimas doses, uma substância que, em doses elevadas, é capaz de produzir num indivíduo sadio sinais e sintomas semelhantes aos da doença que se pretende combater.

¹³ Tradução livre: “A ideia dominante entre as vítimas e outras pessoas de que os nazistas fabricaram sabão com os judeus é praticamente falsa, mas tem um valor simbólico em termos de tendência verdadeiramente real de os nazistas reduzirem os judeus a objetos e em condições de sua inversão da angústia ritual e higiênica nazista a respeito de que os judeus contaminavam. (Aqui o remédio homeopático – o “veneno” que em uma dose correta se converte em cura e ao contrário e converte em força purificadora – distorcida em uma amarga irônia)”.

de Auschwitz; para o filho, o trauma foi saber que seu pai passara por Auschwitz; o trauma do neto foi saber de toda essa carga de memória que a família possuía: era insuperável saber que um familiar seu havia passado por Auschwitz. Por conseguinte, Auschwitz era o próprio trauma.

Essa ideia traumática em saber que alguém querido, ou simplesmente próximo, viveu em um campo de concentração é dada na narrativa, principalmente, de modo que só é possível enxergar esses judeus como vítimas, *apenas* como vítimas. “É mais fácil culpar Auschwitz”. (LAUB; 2011, p. 81)

É mais fácil culpar Auschwitz do que aceitar o que aconteceu com o meu avô. É mais fácil culpar Auschwitz do que se entregar a um exercício penoso, que qualquer criança na situação do meu pai faria: enxergar meu avô não como vítima, não como um grão de areia submetido à história, o que automaticamente torna meu pai outro grão de areia diante dessa história, e não há nada mais fácil do que sentir até orgulho por esse grão, aquele que sobreviveu ao inferno e está entre nós para contar o que viu, como se meu pai fosse o meu avô e meu avô fosse Primo Levi e o testemunho do meu pai e do meu avô fosse o mesmo testemunho de Primo Levi – enxergar meu avô não como vítima, mas como homem e marido e pai, que deve ser julgado como qualquer outro homem e marido e pai. (LAUB; 2011, p. 81)

É a respeito dessa redução extrema à vítima que o trauma se funda, nesse caso. Quem passou por Auschwitz não é nada mais e nada menos do que um vitimado pelo *império* de Hitler. Evidentemente, por esse motivo que muitas dos sobreviventes preferiram calar-se diante de seu passado. Seligmann-Silva citou

Jorge Semprun, dizendo “não que a experiência vivida seja indizível; ela foi *invivível* [invivable]”. (p. 83) Perante a isso, só resta calar-se.

Conversando com a ideia da preferência pelo silêncio, temos Giorgio Agamben (2008), que nos diz que “é sobretudo a respeito disso que os sobreviventes estão de acordo: “Vítima e carrasco são igualmente ignóbeis; a lição dos campos é a fraternidade da abjeção”. (AGAMBEN; 2008, p. 27)

Enfim, o narrador reconhece que não há como não haver influências do avô para o seu pai, e do seu pai para si mesmo. “Não há como ler as memórias do meu pai sem ver nelas o reflexo dos cadernos do meu avô”. (LAUB; 2011, p.132) No romance, o pai do narrador descobriu uma doença degradante: Alzheimer. A partir de então, passou a escrever cadernos, memórias; e o narrador se pergunta “meu pai escreve as memórias com um objetivo, como um recado sobre algo que nunca tinha conseguido dizer ao longo de quarenta anos?”. (Idem) Ele acreditava que sim.

Assim, voltamos a ideia inicial, defendida por Lacapra (2009): o trauma acaba por afetar a todos que estão à volta.

4. Considerações Finais: *A inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*¹⁴

Em síntese, concluímos a respeito da memória na narrativa que ela se faz extremamente importante para que as personagens possam superar os seus traumas e repensar o seu passado. As personagens principais, que tinham em comum um familiar muito próximo vitimado em Auschwitz, puderam, a partir de um exercício de rememoração e reconstruir sua visão do avô e repensá-lo de outra forma e não somente como vítima da mais terrível atrocidade que demarcou o trágico século XX. Igualmente, é através da memória, em uma perspectiva benjaminiana, que se pode elucidar o que veio antes e o que veio depois. Também é preciso que se rememore para evitar que o que aconteceu caia simplesmente no esquecimento.

Como temos no romance em questão, o narrador nos diz que em trinta anos será quase impossível achar um ex-prisioneiro de Auschwitz. Em sessenta anos será muito difícil achar um filho de ex-prisioneiro de Auschwitz.

O narrador aponta ao fato cruel de que até mesmo as mais cruéis desumanidades caem no esquecimento; e não será diferente com a Segunda Guerra, e, por consequência, com os campos de concentração. Assim, levanta-se a hipótese, na obra, que atrocidades, como o massacre dos judeus, podem voltar a acontecer. E isso revela, o que está expresso claramente na narrativa, a *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*.

Buscando responder a pergunta que suscitamos no início deste artigo, dizemos que em muitos momentos o trauma sim, torna-se um muro intransponível. Na narrativa, o avô não conseguiu supera-lo. Entretanto, podemos dizer que seu filho o conseguiu, quando decidiu por escrever suas memórias e optou por contar tudo como havia realmente sido em sua vida, a fim de fazer uma espécie de *balanço* de tudo que havia passado, contando sobre tudo que habitava o seu interior. É nesse sentido, de acordo com a psicanálise de Freud, que conseguimos superar o trauma: a partir da ab-reação. Ab é um sufixo que indica *fora*, ou seja, reagir *para* fora, libertando-se do que o reprime.

¹⁴ LAUB; 2011, p. 133.

O narrador do romance, por sua vez, também conseguiu superar os acontecimentos traumáticos, quando decidiu repensar tudo a respeito de seu passado e tentar explicar tudo o que havia acontecido com sua família. Ele conseguiu entender que uma vida está ligada à outra; que uma vivência influencia a outra. Um bom exemplo para isso mostra-se na própria formatação da obra: o narrador divide os escritos em capítulos e, por exemplo, no capítulo em que nomeia *Algumas coisas que sei sobre o meu avô* ele fala não somente do avô, e sim de si mesmo e de seu pai, e de sua juventude. Assim podemos interpretar que, por saber o que sabia sobre o seu avô, o seu jeito de ser e também os que dividiam com ele essa mesma memória, eram induzidos pelo que tinham conhecimento.

Perante a fatalidade de ter que lidar com *inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*, diz o narrador que há duas maneiras de serem tomadas: a primeira é a do avô – o suicídio¹⁵ - a segunda é a decisão que seu pai tomou: a de tentar sobreviver apesar de tudo. Se não fosse a gratidão e pelo sentimento de poder ser mais, também não teria decidido sobre sua vida. O narrador, que descobre que também será pai, fala, nas últimas páginas, sobre a paternidade e alega que decide tentar de novo e recomeçar.

Podemos, enfim, dizer que o romance termina de modo positivo; o narrador vê-se contemplado com o fato de que será pai. E ele diz que seu filho terá a oportunidade de começar do zero sem necessidade de carregar o peso disso e de nada além do que descobrirá sozinho. A memória, contudo, também apresenta-se como um fardo, um passado que *no se há cerado* como expressa Lacapra (2009). Para o narrador, o filho mostra-se como uma nova chance para sobreviver em meio ao caos de lembranças e memórias a que somos aprisionados.

Por fim, positivamente, podemos entender o *filho* de que fala o narrador na passagem acima, também como uma metáfora para o hoje, ainda sim, para o futuro, o que ainda temos pela frente, com a ideia de que devemos olhar para o ontem, sem dúvidas, a fim de reconhecer o que aconteceu e entender o que ainda acontece, mas sem carregar o fardo do passado, sem carregar a árdua consciência da *inevitabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares*.

¹⁵ Embora não haja explicitamente o fato do suicídio do avô no romance, o narrador nos dá indícios para imaginar isso, nas páginas 116-7.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo, 2008.

AMARAL, Jorge Fernando Barbosa do. A memória conflituosa em “Diário da Queda”. **LING. – Est. e Pesq.** Cataão-GO, vol. 18, n. 1, p. 79-88, jan./jun. 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. _____. – (Obras Escolhidas v. 1) – 8ª ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

FAVERO, Ana Beatriz. **A noção de trauma na psicanálise**. 2009. 207f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz**. – 1ª ed. – Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

LAUB, Michel. **Diário da Queda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MENDONÇA, Marinella M. de. **As incidências da repetição no corpo, pela via da dor**. 2006. n/i. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. *In: Catástrofe e representação: ensaios*. – p. 73-98 – Arthur Nastrovski, Márcio Seligmann-Silva (orgs.) – São Paulo: Escuta, 2000.